



© João Carlos Santos

OS AUTORES

Hugo Franco, nascido em 1973, é jornalista do *Expresso* há nove anos. Antes disso, trabalhou no *Correio da Manhã*

e foi colaborador nas revistas *Sábado* e *Evasões*. Escreve sobre segurança, crime e terrorismo. Foi galardoado com dois prémios de jornalismo por reportagens publicadas no *Expresso*. Em 2014 ganhou o Prémio Prestígio, da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais, por vários artigos sobre incêndios florestais, e em 2006 foi o vencedor do Prémio do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), com a reportagem “Comunidade brasileira em Portugal”.

Raquel Moleiro nasceu em 1974. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, é jornalista do *Expresso* desde 1999, onde atualmente coordena a secção de Sociedade. Trabalhou no *Diário de Notícias* e nas rádios Central Fm e Mais. Escreve principalmente sobre imigração e temas sociais. Entre outras reportagens ao serviço do semanário, acompanhou a chegada a Lampedusa de milhares de imigrantes ilegais, conheceu os órfãos da sida em Moçambique e traçou o perfil dos sem-abrigo que vivem no aeroporto de Lisboa. Desde abril de 2014, que se dedica à investigação dos *jiadistas* portugueses.

O PRIMEIRO LIVRO SOBRE A JIHAD PORTUGUESA

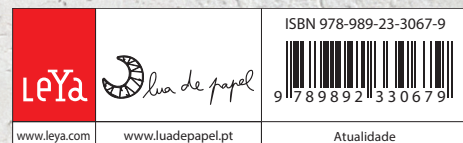
Fábio era um adolescente de Mem Martins. Se perguntassem aos vizinhos, eles diriam que era bom moço, pacato, não se metia em confusões. Mas o Fábio da Linha de Sintra já não existe. Agora só responde pelo nome de Abdurahman, tem 22 anos que parecem muito mais. E as mãos, antes tão talentosas para o desenho, trocaram os lápis pelas armas. E não as ostenta no Facebook apenas para se exibir. Ele aperta mesmo o gatilho, dispara balas reais. daquelas que matam pessoas.

Fábio é um dos vinte portugueses que algures na Síria e no Iraque combatem pelo Estado Islâmico até à morte. Alguns têm estudos, andaram em engenharia, vêm de famílias funcionais. Mas um dia largaram a bola ou o *hip-hop* e começaram a radicalizar-se. Primeiro, na Internet, onde já não procuravam o último sucesso *pop*, mas sim um qualquer *post* a citar o Corão, um apelo ao ódio, a miragem do renascimento do Califado que um dia – acreditam – irá estender-se do Oriente até aqui, à Península Ibérica. Depois foram mais longe, mudaram de nome, de roupa, de hábitos, de país. E de Deus.

Serão cerca de vinte, e os jornalistas Hugo Franco e Raquel Moleiro descobriram-nos quase todos. Durante um ano andaram, como eles, à procura. A falar com amigos, conhecidos, serviços secretos. Num extenuante jogo de gato e rato, a perseguir pistas falsas, endereços de Facebook que desapareciam como por magia, horas sem fim a tentar apanhar o fio à meada.

Mas conseguiram-no, descobriram tudo o que era possível descobrir sobre esse punhado de portugueses, ou lusodescendentes, que um dia deixaram crescer a barba, ou se esconderam por trás de um *niqab*, e partiram para a guerra.

Os Jiadistas Portugueses é a história deles, dos seus amigos e das suas famílias – que não compreendem como foram amputados de um filho ou irmão para os reencontrarem meses mais tarde, no Facebook ou nas páginas dos jornais. Já não o Fábio, o Celso ou a Ângela; mas antes Abdurahman, Abu Issa e Umm. A pregar a Guerra Santa. De armas em punho.



Hugo Franco e Raquel Moleiro

OS JIADISTAS PORTUGUESES



Hugo Franco e Raquel Moleiro

OS JIADISTAS PORTUGUESES



A HISTÓRIA DE QUEM LUTA
NO ESTADO ISLÂMICO

O LIVRO

“É, sobretudo, a dimensão portuguesa deste fenómeno que os autores nos apresentam neste livro, de forma sistematizada, e na sequência dos seus trabalhos e artigos no *Expresso*. Numa investigação ampla e sensível ao longo de quase um ano, Hugo Franco e Raquel Moleiro procuraram nomes e percursos que, como os próprios referem na Introdução, preenchessem os silêncios e a rarefação dos dados oficiais. E conseguiram traçar o perfil de mais de uma dezena de *jiadistas* portugueses, incluindo da “brigada dos lusodescendentes” ou do “quinteto de Leyton-Londres”. Com base em pistas oficiosas, em informações recolhidas diretamente nas redes sociais, múltiplos testemunhos e até contactos com alguns desses *jiadistas*, os autores retratam uma realidade multiforme, com percursos de vida, de radicalização e de recrutamento diversos, incluindo alguns que passaram de recrutados a recrutadores e operacionais logísticos. Ao longo dos sucessivos capítulos, revelam ainda as motivações dos *jiadistas* portugueses, as suas atividades e certos destinos, nalguns casos, a morte “em combate”.

> Luís Tomé, no Prefácio

**OS JIADISTAS
PORTUGUESES**